

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

JULIANA MARIA GIORGI DIAS

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

CAMPINAS
2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

JULIANA MARIA GIORGI DIAS

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

Memorial de Conclusão de Curso apresentado como exigência para a conclusão do curso de Pedagogia - PROESF da Faculdade de Educação da Unicamp.

CAMPINAS
2005

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

D543m	<p>Dias, Juliana Maria Giorgi.</p> <p>Memorial de Formação : percorrendo o caminho da área educacional / Juliana Maria Giorgi Dias. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.</p> <p>Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).</p> <p>1.Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida. 4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.</p> <p>06-076-BFE</p>
-------	---

SUMÁRIO

Apresentação.....	04
1 – Minha origem.....	06
2 – A educação infantil e a minha infância.....	08
3 – O ensino fundamental ou primário.....	18
4 – A opção pelo magistério ou a falta de opção.....	22
5 – A Universidade e as mudanças.....	28
Anexos.....	36
Anexo I – “Eu etiqueta”.....	37
Anexo II – CAPÍTULO IV – ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE.....	39
Bibliografia.....	40

APRESENTAÇÃO

Neste trabalho vou falar um pouco da minha vida, desde a infância até os dias de hoje, dando ênfase na educação infantil, na infância, e nas brincadeiras, pois acredito que esta foi a melhor parte da minha vida.

Minha infância foi bem simples, porém muito boa. Pude brincar livremente como muitas crianças jamais poderão sonhar em brincar um dia.

No meu tempo de criança, tinha espaço para brincar, tinha amigos que podiam sair na rua, aliás, a rua não era tão perigosa como é hoje.

Eu brincava o dia inteiro sem parar e não me cansava. As brincadeiras mais gostosas eram “mamãe da rua”, “esconde-esconde”, “pega-pega”, “barra manteiga”, e outras...

Eu sabia o que era brincar de verdade, minha turma sabia brincar pra valer. Atualmente, muitas crianças não sabem brincar pois muitas delas não tem a oportunidade de aprender, ou seja, não tem a oportunidade de brincar na rua, no quintal ou em qualquer outro espaço, que não seja os cômodos de suas casas.

Os programas de televisão eram muito melhores, não tinha tanta violência e nem cenas de sexo.

Hoje é tudo muito diferente, tudo mudou, e pra pior. Os programas e desenhos infantis mostram muitas cenas de violência, as novelas e os filmes mostram cenas sensuais, ou mesmo de sexo.

Nossas crianças brincam na frente de uma tela de televisão com jogos violentos. Essa é a brincadeira que elas tem acesso pois a falta de espaço e a violência das ruas não permitem outro tipo de brincadeira.

Entre outros assuntos muito interessantes e importantes, vou me concentrar mais na infância, brincadeiras e a televisão, fazendo um paralelo entre o meu tempo de criança e os dias atuais.

Também não posso deixar de falar sobre a educação infantil, que é a minha área de trabalho e as mudanças que a Universidade me proporcionou.

1 – Minha origem

Nasci em uma família simples. Meu pai era mecânico de automóveis e minha mãe era dona de casa, porém sempre ajudou meu pai, seja na economia das despesas da casa, ou nas tarefas de escritório da oficina mecânica.

Minhas duas irmãs, eram mais velhas do que eu. A primeira tinha cinco anos de diferença da minha idade e a segunda tinha quatro anos mais que eu.

Eu era muito paparicada pelas minhas irmãs. A irmã mais velha cuidava de mim, como se eu fosse uma filha e esse comportamento se manteve por um bom tempo.

Nós não tínhamos muito, apenas o necessário para viver com dignidade. Minha mãe economizava bastante, sempre pesquisava preços e comprava o que era mais barato.

Nossas roupas e sapatos eram comprados à prestação. Eram produtos de boa qualidade, porém não tinham “marca”, nem eram de grife.

Na verdade eu nunca me preocupei com marca ou moda, nem quando era criança, nem agora, já adulta. Essa preocupação ocorreu na adolescência, porém nunca pedi nada de marca ou que fosse caro, pois sempre tive consciência do esforço que meus pais faziam para nos dar o que precisávamos.

Essa memória sobre as roupas de marca me fez lembrar da poesia “Eu, etiqueta”, de Carlos Drummond de Andrade. Uma de minhas professoras do PROESF deu para a turma esta poesia, logo nas primeiras aulas, e eu me identifiquei com muito ela.

Em 1980, meu irmão nasceu (eu estava com cinco anos), era o menino tão desejado pelo meu pai e tão esperado pela minha mãe.

Meu irmão foi muito desejado pelos meus pais, porque naquela época (década de 70 e 80), o machismo era muito mais acentuado nas famílias do que é hoje, no que se referia ao nascimento de filhos homens.

Muitos pais só se sentiam homens de verdade quando nasciam meninos. E com o meu pai não foi diferente, cada vez que nascia uma filha, era uma decepção para ele.

Na época do nascimento do meu irmão, eu freqüentava a EMEI “Agostinho Páttaro” em Barão Geraldo, que se chamava Parque infantil “Agostinho Páttaro”, e minhas irmãs freqüentavam a E.E.P.S.G.”Barão Geraldo de Resende”, também em Barão Geraldo.

2 - A educação infantil e a minha infância

No início, a pré escola era muito gostosa, o maternal, o infantil, porém quando fui para o “prézinho”, o pesadelo começou.

É uma pena que as minhas lembranças da educação infantil sejam tão tristes para mim, lembrança essas que normalmente são alegres para muitos.

Minha professora foi a “peça chave” para tornar as minhas memórias tristes. Esta pessoa tirou todo o encanto e o gosto que eu tinha pela pré-escola.

Entre alguns fatos ocorridos, eu me lembro dos mais tristes e por conseqüência, os mais marcantes, dos quais eu não pude esquecer.

Um acontecimento foi durante uma atividade de desenho, ou melhor, pintura. A professora deu um avião mimiografado para a turma pintar. Escolhi a cor vermelha, e como eu pintava com força, meu desenho ficou encoberto, “desfigurado”.

Já o desenho da minha prima, que estava na mesma sala que eu, ficou lindo. Ela escolheu a cor laranja, pintou dentro dos espaços do desenho, e seu trabalho ficou muito mais bonito do que o meu.

Quando a professora passou pela nossa mesa, logo avistou o desenho da minha prima e elogiou. Quando ela olhou para o meu, logo disse que eu tinha encoberto o desenho, que o desenho tinha sumido.

Eu não me lembro exatamente à palavra que a professora usou para expressar sua desaprovação, só me lembro que fiquei muito triste e desse dia em diante passei a fazer tudo parecido com o da minha prima. Passei a usar cores mais

claras e pintar com pouca força. Dessa forma meu desenho não iria sumir, mesmo se eu pintasse fora dos espaços.

A comparação que ela fez entre minha prima e eu serviu para que eu pensasse que minha prima era melhor, perfeita, e que o modelo do “correto” era ela.

Talvez seja por causa desse acontecimento que, até hoje, eu não consigo gostar da cor vermelha.

Outro fato desastroso foi um desenho que a professora mandou fazer na folha de papel sulfite. Mais uma vez minha prima fez tudo perfeito. Desenhou usando todo o espaço da folha, e eu usei um pedacinho no canto superior esquerdo.

Quando a professora viu o meu desenho, foi logo falando: “Olha o tamanho da folha, e você só usou esse pedacinho! Veja como a Andréia, (minha prima) fez. É assim que é para fazer, usando a folha toda”.

Mais uma vez a professora me magoou. Minha auto estima baixou, e eu passei a acreditar que tudo o que a Andréia fazia era o correto, e tudo que eu fazia era errado.

A professora não soube respeitar as diferenças. Eu não era igual minha prima, e nem poderia ser. Cada criança é um ser único, e deve ser respeitado.

Com tudo que tinha me acontecido na Emei, uma barreira se criou entre mim e a professora. Eu não conseguia mais gostar dela, tinha medo até de falar com ela, de perguntar alguma coisa.

Um dia, na hora de escovar os dentes, a professora passou as escovas de dente de mesa em mesa, para que cada aluno pegasse a sua (as escovas ficavam dentro de uma latinha com as cerdas para cima, umas encostando nas outras), o

Paulo, que estava na mesa ao lado pegou a minha escova. Eu tinha certeza que era a minha, pois a escova dele estava toda mastigada, com as cerdas amassadas.

Quando a professora chegou na minha mesa com aquela latinha, a única opção que me sobrou foi pegar a escova do Paulo e escovar os dentes.

Quase morri de nojo, mas tive medo de falar com a professora, e me calei mais uma vez, pois a insegurança já tinha tomado conta de mim.

A pior lembrança que eu tenho da minha infância, é sem dúvida, a professora da educação infantil. Exatamente aquela pessoa que deveria ser acolhedora, respeitadora e carinhosa. Afinal, a escola era a minha primeira experiência fora do meu convívio familiar.

E depois de todo o mal que ela me fez, e de toda tristeza que me fez sentir, ainda tive que dar um presente para ela no final do ano.

Minha avó trabalhava e morava em Holambra. Ela fazia arranjos de flores secas. Era um mais lindo que o outro, além de ser novidade para muitas pessoas.

Minha mãe nunca soube de nada que a professora tinha feito pra mim, pois eu nunca tive coragem de contar. E com a melhor das intenções, minha mãe comprou um arranjo de natal, para eu dar para a professora.

Na minha concepção, a professora não merecia esse agrado, esse carinho, mas mesmo assim tive que dar o presente a ela.

Ao meu ver, a conduta profissional desta professora, estava totalmente errada, pois era contrária aos direitos da criança, como se refere o capítulo IV, artigo 53, parágrafo II, do Estatuto da criança e do adolescente, “A criança e o adolescente tem o direito de ser respeitada por seus educadores”.

Hoje, eu sei que essa profissional não tinha o perfil desejado para trabalhar com crianças, principalmente em idade pré-escolar.

Além dos incidentes que ocorreram em sala de aula, me lembro do horário do parque. A professora levava a turma para brincar e se sentava em um banco para conversar com as colegas professoras. As crianças brincavam livremente nos brinquedos recreativos, porém nunca brincamos de queimada, rodas cantadas, e outras brincadeiras que exigem a participação, acompanhamento ou direcionamento de um adulto.

A escola tinha um espaço físico bem amplo, com bastante sombra. Tinha até piscina, mas nunca minha turma chegou perto. Quando eu via outras turmas chegando eufóricas, com traje de banho por baixo do uniforme, e toalha de banho na mão, me dava uma vontade de ir para a piscina também.

De que adianta um espaço físico amplo e variado, se muitos professores não usam?

Trabalhando atualmente na educação infantil, observo muitos professores usando os espaços da escola sem um planejamento, ou simplesmente não usando.

Um exemplo é a quadra de esportes, que pouquíssimas Emeis de Paulínia possuem. Quase não se vê atividades físicas ou brincadeiras com bola, com bambolê, cordas, etc. O que é feito com frequência, é levar brinquedos da casinha da boneca da classe (que são mais sucatas do que brinquedos), para a quadra e deixar as crianças brincarem livremente.

Temos uma rua dentro da escola, que chamamos de “asfalto”. O asfalto é a entrada da escola, um corredor bem largo, alfartado e com guias(sargetas). É como uma rua mesmo, porém não há circulação de veículos.

Nossa escola tem o privilégio de ter um espaço como esse, mas infelizmente quase não se vê professores realizando atividades com os alunos, naquele espaço.

Vamos ver uma colocação de Souza Lima, sobre o espaço:

“O espaço escolar exige qualidade não apenas funcional e construtiva. Exige, sobretudo considerar as condições mais favoráveis para o processo de desenvolvimento da criança, no quadro de realidade social e cultural do país.”(Souza Lima, 1994, p.12)

Dessa forma, não adianta ter espaço físico amplo e variado na escola infantil. É necessário que seja usado, e que os alunos desfrutem deles com atividades prazerosas, pois muitas crianças não tem espaço e nem companhia para brincar fora da escola. Suas casas são bem pequenas, poucas tem quintal, e na rua não podem brincar devido à violência urbana.

Sendo essa a realidade das crianças, cabe aos professores oferecer atividades ou brincadeiras utilizando os espaços da escola, pois o brincar faz parte do desenvolvimento dos alunos. Brincando também se aprende.

Quando eu freqüentava a pré-escola, a falta de uso desses espaços faziam muita falta, pois em casa eu não tinha ninguém para brincar, meu irmão ainda era um bebê e eu sempre brincava sozinha.

O que eu mais gostava, era de mexer no lixo da oficina do meu tio (da qual era vizinha), e pegar peças velhas e caixinhas vazias para brincar de casinha.

As caixinhas vazias eram os móveis, e as peças velhas eram os utensílios. Tinha uma peça que se chama condensador, parecia um botijão de gás, em miniatura.

Mesmo tendo brinquedos, panelinhas, bonecas, era dessa forma que eu gostava de brincar, sempre criando os meus brinquedos e as minhas brincadeiras.

Outra coisa que eu gostava muito era de assistir televisão. Passava tardes inteiras vendo desenhos e outros programas, dos quais até hoje tenho saudade.

Naquele tempo (por volta de 1981), os desenhos tinham mais qualidade. Não tinham tanta violência como tem nos desenhos de hoje.

Meus desenhos preferidos eram “Tartaruga Touche”, “A princesa e o cavaleiro”, “Brucutu”, “Os Herculóides”, “Pepe Legal”, “Zé Colméia”, entre muitos outros.

Nos desenhos da minha época, a violência e as influências negativas, não eram tão explícitas, como nos desenhos de hoje (Dragon Ball GT, Pokemon, Power Rangers, etc.), os filmes e programas de televisão eram mais apropriados, e eram exibidos em horários acessíveis para as crianças.

Em uma madrugada de 2004, perdi o sono e liguei a televisão. Para minha surpresa, estava passando “O mágico de Oz”, um clássico do cinema infantil. O filme é maravilhoso, porém muitas crianças não tiveram oportunidade de assistir por causa do horário em que estava sendo exibido.

Achei um absurdo que filmes infantis, como “O mágico de Oz”, fossem colocados em horários inacessíveis para as crianças, e filmes como “Um tira da pesada”, que trata de tráfico de drogas, tendo cenas de violência (tiros), estão sendo colocados em exibição nos horários da tarde.

Quando eu era criança, não se falava em vídeo game. Jogos eletrônicos (e de computador) eram desconhecidos das crianças.

Hoje, essa realidade está mudada, e a mudança, ao meu ver foi negativa. Os jogos eletrônicos, vídeo games tomaram conta das crianças. Não se vê mais crianças brincando de “pega-pega”, “esconde-esconde”, “mamãe da rua”, etc.

Um dos motivos dessa nova realidade, é a falta de espaço para brincar, associado com a violência das cidades.

Muitas crianças moram em apartamentos, e muitos não dispõem de área livre e brinquedos recreativos, como balanço, escorregador, etc. para brincarem. Mesmo as crianças que moram em casas térreas, muitas vezes não dispõem de quintal para realizar as brincadeiras. Nas ruas é impossível brincar como antigamente, por causa do trânsito intenso de veículos, e por causa da violência (assalto, seqüestro, etc.).

Por todos esses motivos, a televisão e os jogos eletrônicos passaram a ser os “brinquedos” mais adequados para a atualidade, no que diz respeito à praticidade. Pois a criança não precisa de companhia de amigos e nem dos pais para brincar, podendo brincar sozinha.

Desse modo, a criança não precisa sair de casa e pode deixar os pais realizarem suas tarefas em paz, sem se preocuparem com os filhos, nem mesmo com o jogo que estão jogando e com o programa que estão assistindo.

Essa falta de “supervisão” dos pais, e o livre acesso às informações do mundo adulto, traz problemas bastante graves para a criança, para a família e para a sociedade. Segundo Kincheloe:

“As fronteiras entre a infância e a vida adulta estão tênues ao ponto de a ‘tradicional’ e claramente definida inocência infantil torna-se um objeto de nostalgia” (Kincheloe,2001, p.74).

Com acesso livre as informações do mundo adulto, as crianças se tornam cada vez menos “inocentes”, muitas vezes, iniciando a vida sexual muito cedo, antes da adolescência; ou então, se envolvem com a marginalidade, drogas e violência.

As crianças não tem maturidade para receber informações do mundo adulto, sem que isso cause problemas. Por isso é necessário que os pais se interessem por tudo que seus filhos fazem, para poder melhor instruí-los. E aos educadores, cabe também o trabalho de conscientizar as crianças sobre os “males” do mundo.

Para que esse trabalho de instrução e conscientização seja feito com as crianças, é necessário que os pais se dediquem, tendo um tempo só para os filhos, conversando com eles para saber o que está acontecendo, porém não é isso que acontece atualmente.

Em algumas décadas atrás, as famílias eram compostas por pai, mãe e filhos. O pai trabalhava para garantir o sustento de todos, pois o salário era suficiente, enquanto a mãe ficava em casa cuidando dos filhos.

Nos dias de hoje, o perfil das famílias mudaram. Existe um grande número de mães solteiras, mulheres separadas dos maridos, que precisam trabalhar para garantir o sustento de seus filhos.

Além disso, tem muitas famílias em que o homem não consegue, sozinho, sustentar a casa, então a mulher precisa trabalhar para ajudar nas despesas.

Com a ausência dos pais, as crianças se voltam para a televisão, computadores (Internet), e outros meios de informações, a fim de preencher o tempo que ficam sozinhas em casa.

“A mudança da realidade econômica, associada ao acesso das crianças a informações sobre o mundo adulto, transformou drasticamente a infância”.(Steinberg e Kincheloe, 2001, p.13).

Com a falta de atenção dos pais e responsáveis, e o acesso das crianças às informações do mundo adulto, a violência, o sexo e as propagandas ideológicas, tomaram conta do mundo infantil. As crianças são seduzidas pelos programas e jogos eletrônicos violentos, descobrem a sexualidade mais cedo através das propagandas e do modismo sensual.

Na minha infância era tudo muito diferente. Não me lembro de ter ouvido ou visto na televisão, alguma notícia de filhos que haviam assassinado seus pais, ou crianças que balearam os colegas na escola, ou até mesmo de crianças envolvidas no tráfico de drogas.

A realidade que vivemos atualmente, faz com que eu me preocupe muito, com a infância dos meus filhos, não tem programas bons na televisão, e não há quintal e nem espaço dentro de casa para que eles possam brincar, correr, pular, etc. Na rua, eles não podem brincar, pois não é um lugar seguro.

Mas, ainda existe um lugar onde a infância pode ser vivida intensamente. Este lugar é a escola de educação infantil, que deve ter espaços amplos e de qualidade, além de serem realmente usados e explorados pelas crianças, pois, como afirma Souza Lima, “O brincar sempre fez parte da necessidade vital dos seres humanos”.(Souza Lima, 1994, p.9).

A criança precisa brincar, e tem necessidade do movimento, além disso, nas brincadeiras ela se desenvolve e aprende de forma lúdica e prazerosa, porém muitos profissionais da educação não entendem, ou não pensam dessa forma, e acabam “massacrando” as crianças com atividades abstratas feitas no papel.

A brincadeira é uma atividade concreta para a criança, e por isso tem muito mais significado do que uma aula. É muito mais significativo se os professores dessem suas aulas utilizando brincadeiras ou jogos.

Com isso, o professor estará atendendo uma necessidade da criança, e ao mesmo tempo estará ensinando.

3- O ensino fundamental ou primário

Da primeira à quarta série fui uma ótima aluna. Ótima na concepção de escola tradicional, pois eu nunca questionava, nunca perguntava, só copiava. Minhas notas no boletim eram só “A” e “B”, não havia nenhum “C”.

Não me lembro da primeira série. Minhas lembranças do ensino fundamental começam da segunda série em diante.

A escola era estadual, a mais importante do distrito de Barão Geraldo, pois levava o nome do Barão Geraldo de Resende.

O ensino era tradicional, bem comum para a época. As cópias, leituras silenciosas, escrita de numerais: do um até o cem, eram atividades bem freqüentes.

Eu me lembro que na terceira e quarta séries, o ritual era sempre o mesmo. É que a professora era também a mesma.

Logo que a aula começava, tínhamos que escrever os numerais de um até cem, no dia seguinte, era de cem até duzentos e assim sucessivamente até mil.

Quando terminávamos de fazer os numerais designados para o dia, a professora mandava conjugar algum verbo no passado, presente e futuro. As crianças faziam no caderno, e logo que terminávamos com os verbos, já íamos fazendo a cópia do texto do livro de Língua Portuguesa.

Essas atividades iniciais eram um “massacre”, cópias e repetições cansativas, sem contar que muitos alunos ficavam nessas atividades a manhã toda, pois o ritmo deles era mais lento e não havia motivação.

No final do período, a professora corrigia todos os cadernos. Quem acertava tudo, e fazia com capricho, ganhava elogio no caderno, quem não acertava tudo, ou fazia “relaxado”, não ganhava elogio.

A estratégia da professora era recompensar de alguma forma os bons alunos. Então, em cada exercício bem feito no caderno, ela escrevia em baixo da nota: “Muito bem, minha florzinha!”, “Ótimo, meu amor!”, “Adorei minha querida!”.

Nos cadernos dos alunos que não satisfaziam as expectativas da professora, só era colocada a nota, e o “visto”.

Quem errava não era “querida”, não era “flor”, não era “amor”, era apenas um simples “visto”.

Periodicamente, a professora dava presentes para os três primeiros alunos da classe, eram sempre os que terminavam a lição mais rápido e que tinham letra bonita.

Em relação a essa conduta da professora, vejamos uma colocação de Skinner:

“Não se pode educar oferecendo prêmios. A educação deve ser seu próprio prêmio. Diz-se que os prêmios mascaram ou mesmo destroem os efeitos de conseqüências reais. Mas isso também é verdadeiro para a punição.”(Skinner,1995, p.122).

As crianças precisam saber que estudam ou fazem as lições por motivos muito maiores do que um simples presente ou elogio. Não se pode fazer alguma coisa sempre esperando algo em troca, pois muitas vezes a recompensa não vem, e aí vem a frustração.

Com os elogios e presentes, eu me sentia muito feliz, pois eu era uma boa aluna. E sempre me esforçava para acertar e caprichar, só para ganhar elogios no caderno.

Só hoje me dou conta de quanto eu fui ingênua, de estudar para ganhar algo em troca, e não para ganhar conhecimento, além disso, fico me perguntando: Quanto em elogio, ou uma palavra de carinho da professora, pode ter feito falta na vida dos meus colegas? Quanto eles esperaram por um elogio que nunca veio? Quanto uma palavra positiva pode fazer a diferença na vida de alunos humildes, como eram os meus colegas?

Sempre com essa prática de recompensar a quem era bom aluno, a professora pegou minha turma novamente, na quarta série.

Ao invés de numerais, agora os alunos faziam as tabuadas do dois ao nove, todos os dias, e continuamos a conjugar verbos, e fazer cópias do que já estava escrito no texto, etc.

Tenho duas lembranças boas do tempo do primário. As brincadeiras na hora do recreio e a merenda que eu adorava.

Na hora do intervalo, as meninas brincavam de pular corda ou pular elástico. A corda e o elástico eram trazidos de casa, pois a escola não oferecia esse tipo de material para brincar no recreio, aliás, não oferecia nenhum tipo de material. A escola era vista como um lugar de estudar, e não de brincar. Aquele ensino tradicional não acreditava que as crianças também aprendem brincando.

A escola possuía cordas, bolas, bastões, colchonetes, etc. Tinha bastante material de educação física, mas só os alunos do ginásio podiam usar nas aulas de educação física.

Eu era uma criança e adorava brincar. Se a escola não emprestava o material, eu levava o meu. Por sorte, corda e elástico eram artigos baratos.

Para poder ter acesso as aulas de educação física e aos materiais, eu desejava chegar na quinta série. Por outro lado, não queria perder o direito à merenda.

Terminei a quarta série, e enfim cheguei na quinta, a tão esperada passagem para o ginásio, e para a adolescência.

Agora eu poderia fazer educação física, teria vários professores, e o que era muito bom mesmo, eu poderia usar caderno espiral universitário, pois sempre detestei o caderno brochura.

A pior parte é que eu não ia mais poder tomar a merenda, que era exclusiva das crianças do primário. Mas como tudo tem um jeito...

Todo dia na hora do meu intervalo eu corria na cozinha para ver se tinha sobrado sopa. Como sempre sobrava um pouco, a merendeira me dava.

A passagem para a 5ª série era um marco. Eu tinha crescido, já era uma adolescente, porém nem todas as mudanças foram boas.

Não consegui manter as boas notas em todas as matérias, como no primário, e todos os anos eu ficava para recuperação, mas acabava sendo aprovada.

Na 8ª série, o fato se repetiu e eu acreditava que dessa vez não ia ser aprovada, pois estava com notas baixas em várias matérias, e só o conselho poderia me ajudar.

4- A opção pelo magistério ou falta de opção

Mesmo acreditando que não ia ser aprovada, fui com as minhas colegas reservar uma vaga na E.E.P.S.G. Prof. Aníbal de Freitas. Para não cursar um colegial normal, optei pelo magistério, mesmo sem ter a intenção de lecionar.

Minhas amigas, que já estavam aprovadas, se inscreveram nos vestibulinhos do Cotuca, Etecap e Bento Quirino.

Eu queria muito fazer contabilidade no “Bento Quirino”, mas como ia ser reprovada não me inscrevi, como fizeram as outras meninas.

Nos últimos dias de recuperação, veio à notícia de que eu havia sido aprovada. Foi uma surpresa, mas fiquei muito chateada, pois a minha única opção era o magistério.

No ano seguinte (1991), logo que iniciaram as aulas, eu me apaixonei pelo curso. Minhas notas eram muito boas, só que dessa vez, não era para ganhar elogios ou presentes, e sim porque eu gostava do conteúdo, gostava de estudar e aprender.

A metodologia de ensino dos professores era tradicional, como na escola de ensino fundamental, porém eles ensinavam teorias construtivistas.

Quando entrei no magistério, falava-se muito em construtivismo, porém os professores ainda não haviam interiorizado essa concepção de educação, e davam suas aulas de forma tradicional. Eles ensinavam como nós, alunas, deveríamos ser como profissionais da área da Educação, falavam sobre o construtivismo e Piaget, porém agiam de forma contraditória. Só para ter uma idéia, professora de didática pediu para as alunas montarem uma pasta com desenhos de datas comemorativas. Eram desenhos prontos para o aluno pintar.

Acredito que a professora não havia evoluído com a educação. Mesmo ensinando como trabalhar com o aluno, de forma construtivista, não conseguia abandonar sua metodologia e conhecimentos anteriores. Esta professora estava prestes à se aposentar, e sua prática era ultrapassada, não condizendo com as teorias que estava ensinando.

Esse tipo de atividade não dá chance do aluno criar, ou desenhar, somente pintar o desenho que algum artista fez. A criança precisa se sentir capaz de fazer os seus próprios desenhos.

Logo os estágios começaram e eu pude ver o trabalho pedagógico, na prática de algumas professoras. Não era a minha prática, era um estágio, uma observação apenas. Eu acredito que aprendemos fazendo.

No último ano, os estágios foram feitos na educação infantil, e a escola era a mesma que eu tinha estudado, só que o nome não era mais “Parque Infantil” e sim EMEI “Agostinho Páttaro”.

Se eu estava apaixonada pelo magistério, com esse estágio me identifiquei com a faixa etária, e passei a amar.

O trabalho da professora, a turma, as atividades que eram oferecidas, a metodologia, o lúdico, as brincadeiras, tudo era muito diferente daquela pré-escola que eu conheci quando criança. E foi aí que eu decidi trabalhar na educação infantil.

Antes de me formar, prestei o concurso para monitora de educação infantil, na Prefeitura Municipal de Paulínia, no qual fui aprovada com uma boa nota e obtive uma boa classificação.

No ano seguinte, fui chamada para trabalhar como monitora volante. Eu substituía as monitoras em férias. Cada mês eu estava numa escola diferente. Esse

fato foi muito positivo, pois conheci muitas pessoas, muitos trabalhos, muitas escolas e muitas realidades (escola central e de periferia).

Eu observava o trabalho das professoras, e a cada dia ia aprendendo mais um pouco.

Trabalhei quatro anos neste cargo, o qual adorava. Mas eu queria mais. Queria dar aula, queria ser professora.

Quando saiu o edital do concurso, não perdi tempo. Fiz logo a minha inscrição e comecei estudar. Consegui todos os livros que precisava ler para o concurso.

Uma colega me deu dois livros de presente, e os outros ela pegava emprestado na biblioteca da faculdade em que cursava pedagogia. Eu lia os livros e devolvia no prazo estipulado pela biblioteca.

Prestei o concurso, passei e logo fui chamada para trabalhar em 1999. Mesmo tendo sido monitora, a mudança foi muito grande, e eu tive bastante dificuldade.

Era uma escola nova, inaugurada há três anos. O prédio era muito bonito e amplo. Cada turma tinha seu próprio banheiro na parte interna da sala de aula, evitando que os alunos, transitassem pela escola a procura de um banheiro. Porém, a escola era de periferia, não arrecadava muito com a APM, e a prefeitura mandava materiais uma vez por ano, e sempre atrasava a entrega.

Esse primeiro ano como professora foi muito difícil. A turma era terrível, a escola não tinha material para trabalhar, nem jogos, bolas, nem canetinha e lápis de cor.

Não havia como proporcionar um ambiente acolhedor, em que os materiais ficassem ao alcance das crianças, proporcionando uma autonomia ao escolher determinado material, pois não havia material.

Iniciei o ano com uma sala de aula, mesas e cadeiras, e um monte de sucata (caixinhas de pasta de dente, rolinho de papel higiênico, tampinhas, etc.). Era só o que eu tinha para trabalhar.

Alguns materiais eram trazidos de casa. Comprei bastante material para poder trabalhar. E a cada dia que passava, eu ia me frustrando e desanimando do trabalho.

O pior de tudo foi a falta de orientação. Eu era uma professora nova, sem experiência em sala de aula. A orientadora pedagógica não orientava, não ensinava, só cobrava trabalho e disciplina da turma.

Eu não tinha com quem conversar e nem para quem pedir ajuda, pois as colegas de trabalho eram extremamente individualistas e competitivas, não havia lugar para a solidariedade, nem para a coletividade.

Tudo que era feito em sala de aula era trancado a sete chaves, para que ninguém visse antes de ficar pronto, para não correr o risco de alguém copiar a idéia e ganhar os elogios da diretora e orientadora.

Com essa falta de orientação e de coleguismo eu sofri muito. Não conseguia sequer dominar a minha turma, não tinha idéia de quais atividades eu poderia oferecer para a turma, sem que a orientadora fosse contra.

Como estava grávida do meu primeiro filho, entrei de licença maternidade, e quando voltei estava em depressão.

Graças à Deus o ano terminou e eu pude entrar em remoção. Eu queria me ver longe daquela escola, daquelas pessoas, daquele ambiente que pode ser comparado a uma linha de produção, em que as pessoas fazem apenas a sua parte, sem se preocupar com o funcionamento do todo. Pois não adianta ser a melhor professora de uma escola, que não funciona bem em sua totalidade.

O que eu quero dizer é que, para a diretora ou para a orientadora pedagógica de uma determinada escola, uma professora pode se destacar na sua individualidade, mais para uma rede toda, não. “A ação competente implica assim numa visão dinâmica e articulada do todo da situação, envolvendo decisão e avaliação.”(Werle, 2001. p.156).

Para o sucesso do trabalho, é preciso que todos os funcionários tenham uma visão total da escola, trabalhar coletivamente, com responsabilidade e compromisso.

Na a rede, o trabalho que aparece é o da escola como um todo, o bom funcionamento de todas as salas, de todos os projetos, o bom funcionamento coletivo da escola. Não adianta um professor se destacar, é preciso que a escola toda se destaque, e para que isso aconteça é necessário solidariedade, coletividade e espírito de equipe.

Com a remoção, consegui ir para uma escola que eu não conhecia, mas o que eu queria era estar longe daquela escola em que eu fui tão infeliz.

Iniciei o ano na Emei “Ferdinando Viacava”. Lá era tudo muito diferente. As pessoas eram mais amigas, mais solidárias, e muito menos individualistas.

Naquela escola eu tinha prazer de trabalhar, eu gostava das pessoas e sentia que as pessoas gostavam de mim. Foi lá que eu aprendi a trabalhar, aprendi a ser professora de verdade, aprendi a questionar, argumentar, etc.

Passei três anos naquela escola. Em 2003 prestei o vestibular para Pedagogia-Proesf, e fui aprovada.

Para conseguir administrar o trabalho, os estudos e as tarefas domésticas, precisei me remover para o período da manhã, e por ironia do destino, a única escola que tinha vaga no período da manhã era a Emei “Leonor J. C. Pietrobon”, minha antiga escola.

Desta vez eu não sofri, já estava mais madura, mais segura.

5- A Universidade e as mudanças

A Universidade trouxe muitas mudanças na minha vida, tanto no meu pensamento quanto na minha prática.

Não posso deixar de falar sobre a ideologia que a mídia, televisão, e os meios de informações transmitem as pessoas.

Sobre este tema, houve um assunto, que me deixou chocada e transformou totalmente a minha maneira de pensar foi o filme “Mera Coincidência” (EUA, 1997). Depois de tê-lo assistido durante a aula de Educação e Tecnologia, passei a ter uma outra visão de tudo que vejo na televisão.

O filme trata de uma simulação de guerra, criado para desviar os olhares da população de um escândalo envolvendo o nome do presidente dos Estados Unidos.

A guerra seria uma ótima maneira de fazer todos esquecerem o que estava acontecendo no país, pois o presidente queria lutar pela reeleição e o escândalo poderia por tudo á perder.

No filme, os assessores do presidente contratam uma equipe de cinema para criar uma guerra “virtual”, em um país do Oriente Médio. Eles filmam tudo de modo a parecer real, e colocam no noticiário da televisão.

As pessoas que assistem aquilo se convencem que é real, que está realmente ocorrendo uma guerra. Dessa forma, os olhares, que estavam sobre o escândalo envolvendo o presidente dos Estados Unidos passam para as notícias da guerra, dando chance para uma nova eleição do presidente.

A disciplina de Educação e Tecnologia me abriu os olhos, pois além da ideologia embutida nas propagandas e programas de televisão, nem tudo o que vemos pode ser real.

Será que a guerra do Golfo foi real? Será que ataque terrorista de 11 de setembro, ocorreu realmente do mesmo modo que a televisão mostrou?

As notícias de televisão, foram divididas entre antes e depois da Unicamp. Agora vejo tudo com olhos desconfiados, e não vou acreditando em tudo antes de questionar, ou averiguar. Agora assisto á programas de televisão com olhar crítico.

Outra mudança que essa mesma disciplina me causou, foi quanto a selecionar os filmes ou desenhos que meus alunos vão assistir na escola.

Antes, qualquer desenho da Disney era uma boa opção para ser colocado para os meus alunos assistirem, pois eram desenhos infantis de boa qualidade e as crianças adoravam. Hoje, olhando com olhar crítico, eu procuro selecionar com muito cuidado o que as crianças vão assistir, pois os filmes da Disney são carregados de ideologia. Segundo Giroux:

“As fronteiras entre entretenimento, educação e comercialização se confundem, através da absoluta onipotência da intromissão da Disney em diversas esferas da vida cotidiana. O alcance do império Disney revela tanto práticas comerciais agressivas quanto um olho clínico para fornecer sonhos e produtos através de formas de cultura popular, nas quais as crianças estão dispostas a investir, material e emocionalmente”. (Giroux,1992, p.56).

O império Disney cria nas crianças a ilusão de poder ser uma personagem dos desenhos animados. Uma prova disso é a comercialização de produtos com a marca Disney, que são consumidos por crianças, e também adultos.

As crianças se sentem realizadas adquirindo um produto dos filmes da Disney, pois tem a chance de acreditar que são mocinhos, príncipes ou princesas de desenhos animados.

Existem muitas outras opções de filmes infantis, que não iludem e nem seduzem tanto as crianças, a ponto de fazerem delas, pessoas consumistas.

Uma das funções da escola é oferecer cultura aos alunos. Cultura variada, vários desenhos, filmes, vídeos de danças regionais, etc, e não reforçar as ideologias contidas nos filmes Disney. É preciso um olhar muito atento do professor, e uma consciência crítica, ao escolher um filme para seus alunos.

Como já falei no início desse trabalho, é muito difícil ter controle do que as crianças assistem em casa, então pelo menos na escola, o professor deve ter esse controle, e essa responsabilidade.

Além disso, o vídeo deve ser usado como recurso em sala de aula, mas Infelizmente não é assim que acontece. O vídeo é usado muitas vezes como um passa tempo, ou “mata tempo”.

Alguns professores usam o vídeo como recreação, sem um planejamento, sem responsabilidade, passam a mesma fita várias vezes durante o ano, muitos desenhos não são adequados à faixa etária, pelo tempo de duração da fita, além disso, só usam vídeos Disney, alegando que a qualidade da imagem é melhor.

O uso dos recursos audiovisuais nas escolas, principalmente na educação infantil tem que ser revisto.

Mais uma vez retomo o que eu disse no início, sobre a importância das brincadeiras.

Se a escola deve se adequar às necessidades do aluno, então o professor deve estar ciente que brincar é uma necessidade da criança. Dessa forma, porque não oferecer uma brincadeira prazerosa como recreação, ao invés de um vídeo, cujos desenhos as crianças já cansaram de ver e rever.

Não sou contra o uso do vídeo, sou contra o uso do vídeo de forma irresponsável por parte dos professores.

Eu não consigo pensar em crianças, sem pensar em brincadeira. Não dá para ver a criança como um adulto em miniatura.

Esse foi outro choque que eu tive no curso de Pedagogia com a disciplina “Educação da criança de 0 a 6 anos”.

Eu não sabia sobre a história da criança, de como ele era tratada desde o antigüidade, idade média, etc.

Não se respeitava a criança em suas particularidades e necessidades. Eram tratadas como adultos em miniatura, sua educação se dava no meio dos adultos.

Hoje não é muito diferente, as crianças tem acesso a informações do mundo adulto, sem que tenha maturidade para entendê-las.

Outra novidade foi sobre o livro “ O mito do amor materno”, de Elizabeth Badinter, da editora Nova Fronteira(1985). Pois eu acreditava que o amor de mãe era inato, que todas as mulheres amavam seus filhos desde que recebiam a notícia da gravidez.

Foi por isso eu tinha tanta dificuldade em entender porque muitas mães deixavam seus filhos o dia todo na Emei, mesmo sem trabalhar. E eu nunca tive coragem disso. Sempre que não estou trabalhando, meus filhos estão comigo em casa.

Em seu livro, Badinter afirma que o amor de mãe, como qualquer outro amor, é conquistado, ou seja, vem do relacionamento, do convívio entre as pessoas, no caso, mãe e filho. Se a mãe não tiver uma convivência, um relacionamento com o filho, esse amor poderá não existir.

Conhecendo esse livro, foi possível entender porque as crianças sofriam tanta violência nas sociedades antigas, e nas sociedades atuais, pois muitas mães não sentiam amor pelos filhos, e acabavam abandonando, ou sendo negligentes.

A universidade foi mudando meu pensamento, muitas vezes me colocando em conflito com as idéias que eu tinha antes.

Nunca tinha ouvido falar em gestão democrática dentro das escolas que trabalhei. O termo usado era diretor, ou diretora.

Durante as aulas de "Planejamento e Gestão Escolar", pude compreender que minha escola, ou melhor, a rede em que eu trabalho, estava, ou melhor, está totalmente desatualizada.

A própria Prefeitura e o funcionamento da educação não dava chance, para a diretora se tornar uma gestora.

Com as aulas desta disciplina, e o texto de Maria Tereza S. Queiroz "Desafio à educação num mundo globalizado" (2003), que fala sobre as conseqüências que globalização vem impondo à educação, pude prestar mais atenção na escola e no seu funcionamento. A escola que trabalho, pode ser comparada a uma linha de produção, que gera a divisão pormenorizada do trabalho, em que cada indivíduo se limita à sua função, sem ter conhecimento do todo. Servente cuida da limpeza, cozinheira cuida da comida, monitora auxilia as professoras, professoras ensinam,

diretora manda. É mais ou menos assim. Ninguém tem interesse em participar, ou ao menos saber como é o funcionamento da escola como um todo.

O individualismo e a competitividade são algumas das características do mundo globalizado.

Numa gestão democrática, todos participam ativamente da vida da escola, sabem dos projetos desenvolvidos em sala de aula, e dos acontecimentos gerais da escola, como reunião de pais, e outras coisas. As pessoas se ajudam mutuamente para alcançar um objetivo, que é o bom funcionamento da escola, de forma democrática.

Os pais de alunos, eram e ainda são mantidos longe das decisões da escola. Não há um conselho deliberativo, nem sequer um conselho sem poder de decisão. Os pais são chamados quando a escola precisa, e são somente comunicados das decisões tomadas pela direção da escola. Acredita-se que pai de aluno só atrapalha, e para que isso não aconteça é necessário que se mantenham longe.

Numa gestão realmente democrática, esse quadro mudaria, pois os pais participariam efetivamente das decisões e também dos problemas da escola, podendo ajudar para melhorar.

Eu também pensava que pais de alunos só atrapalhavam, só cobravam de nós professores, e não davam educação para seus filhos. Esse pensamento mudou durante a minha passagem pela Unicamp.

Agora eu sei que a escola é formada pela comunidade, e esta tem o direito de reivindicar melhorias para os alunos. Porém, se a comunidade sabe dos problemas que a escola enfrenta, poderá ajudar na solução.

A escola existe para servir a comunidade, e não para excluí-la de sua realidade.

Mesmo que se dê abertura para a comunidade participar da escola, ainda assim o poder de decisão estará nas mãos da diretora escolar, pois é assim que a secretaria de educação quer. “Em outras palavras, tem poder quem decide. A gestão será democrática se criar condições para que mais pessoas decidam”. (Ghanen,1998, p.92).

O próprio sistema de educação torna impossível a existência de uma gestão democrática dentro das unidades de ensino, pois são as secretarias de educação que ditam as regras e as ordens, fazendo do diretor, mais uma pessoa que obedece e que faz os outros funcionários cumprir as regras.

Uma forma de tornar possível, que mais pessoas decidam, é a criação do conselho de escola com caráter deliberativo. Porém, é necessário que essa idéia seja amadurecida pelas autoridades, que cuidam da educação infantil do município em que trabalho, pois não existe conselho de escola nas Emeis.

A Universidade, a Unicamp foi um marco na minha vida. Posso dividi-la entre antes e depois. Sem conhecimento e com conhecimento. E o conhecimento faz toda diferença na hora de questionar, argumentar ou criticar.

Outro ponto positivo, foram as trocas de experiências entre as alunas, pude aprender muito com elas.

As trocas foram muito ricas, aprendi muitas coisas novas que usei com a minha turma, também ensinei para as minhas colegas de trabalho.

As próprias vivências durante as aulas na faculdade, foram usadas com meus alunos, e muitas teorias pude usar durante reuniões pedagógicas. É muito bom saber falar, algo pertinente ao assunto tratado por todos.

A Unicamp me fez mudar para melhor. Meus pensamentos mudaram, meu olhar também. A criticidade agora faz parte do meu mundo, pois não aceito nenhuma afirmação antes de questionar a sua veracidade.

ANEXOS

Anexo I

“Eu etiqueta”

Em minha calça está grudado um nome

Que não é meu de batismo ou de cartório,

um nome... estranho.

Meu blusão traz lembrete de bebida que jamais pus na boca nesta vida.

Em minha camiseta, a marca de cigarro que não fumo, até hoje não fumei.

Minhas meias falam de produto que nunca experimentei

mas são comunicados a meus pés.

Meu tênis é proclama colorido de alguma coisa não provada

por este provador de longa idade.

Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro, minha gravata e cinto e escova e pente, meu copo, minha xícara, minha toalha de banho e sabonete

meu isso, meu aquilo, desde a cabeça ao bico dos sapatos,

são mensagens, letras falantes, gritos visuais, ordens de uso, abuso, reincidência, costume, hábito premência, indispensabilidade,

e fazem de mim homem-anúncio itinerante, escravo da matéria anunciada.

Estou, estou na moda.

É doce estar na moda, ainda que a moda seja negar minha identidade,

trocá-la por mil, açambarcando

todas as marcas registradas, todos os logotipos do mercado.

Com que inocência demito-me de ser eu que antes era e me sabia

tão diverso dos outros, tão mim mesmo, ser pensante, sentinte e solidário

com outros seres diversos e conscientes de sua humana, invencível condição.

Agora sou anúncio, ora vulgar ora bizarro,
em língua nacional ou em qualquer língua (qualquer, principalmente).
E nisso me comprazo, tiro glória de minha anulação.
Não sou – vê lá – anúncio contratado.
Eu é que mimosamente pago para anunciar, para vender
em bares, festas, praias, pérgulas, piscinas, e bem à vista exibo esta etiqueta global
no corpo que desiste de ser veste e sandália de uma essência tão viva,
Independente, que moda ou suborno algum promete.
Onde terei jogado fora meu gosto e capacidade de escolher,
minhas idiossincrasias tão pessoais,
tão minhas que no rosto se espelhavam, e cada gesto, cada olhar,
cada vinco da roupa resumia uma estética?
Hoje sou costurado, sou tecido, sou gravado de forma universal,
saio da estamparia, não de casa,
da vitrina me tiram, recolocam, objeto pulsante mas objeto
que se oferece como signo de outros objetos estáticos, tarifados.
Por me ostentar assim, tão orgulhoso de ser não eu, mas artigo industrial,
peço que meu nome retifiquem.
Já não me convém o título de homem.
Meu nome novo é coisa.
Eu sou coisa, coisamente.

Carlos Drummond de Andrade

Anexo II

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

CAPÍTULO IV

Do direito à Educação, à cultura, ao esporte e ao lazer

Art. 53 – A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes:

I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II – direito de ser respeitado por seus educadores;

III – direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;

IV – direito de organização e participação em entidades estudantis;

V – acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência.

Parágrafo único – É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.

BIBLIOGRAFIA:

BADINTER, Elizabeth. "Um amor conquistado" :O mito do amor materno. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 1985.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Conselho municipal dos direitos da criança e do adolescente. Campinas- São Paulo. 1990.

GHANEM, Elie. Democracia: uma grande escola - alternativas de apoio à democratização da gestão e à melhoria da educação pública- guia para equipes técnicas. São Paulo: Ação Educativa. 1998. 160p.

GIROUX, Henry A. " A disneyzação da cultura infantil". British Journal of Sociology of Education, 13(1), 1992: 51-68.

KINCHELOE, Joe. Esqueceram de mim e Bad to the Bone: o advento da infância pós-moderna In Cultura infantil: A construção corporativa da infância; tradução George Eduardo Japiassú Brício. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

QUEIROZ, Maria Teresa Sokolowski. Desafios à educação num mundo globalizado. Revista Brasileira de Política e Administração da Educação.Associação Nacional de Política a Administração da Educação. V. 19, N. 1, (Jan./Jun. 2003) Porto Alegre: ANPAE, 2003.

SKINNER, Burrhus Frederic. Questões recentes na análise comportamental. 2ª Edição. São Paulo. Papyrus,1995.

STEINBERG, Shirley R.; **KINCHELOE**, Joe (org.). Sem segredos: Cultura Infantil, saturação de informações e infância pós-moderna In Cultura Infantil: A construção corporativa da infância; tradução George Eduardo Japiassú Brício. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

SOUZA LIMA, Mayumi. A importância da qualidade do espaço na educação das crianças. Revista criança. Brasília: N° 27. p. 9-12. 1994.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. Novos tempos, novas designações e demandas: Diretor, administrador ou gestor escolar. Revista Brasileira de Política e Administração da Educação: ANPAE. V.17 N° 2 (jul/dez.2001) Porto Alegre- ANPAE, 2001. p. 147-160.